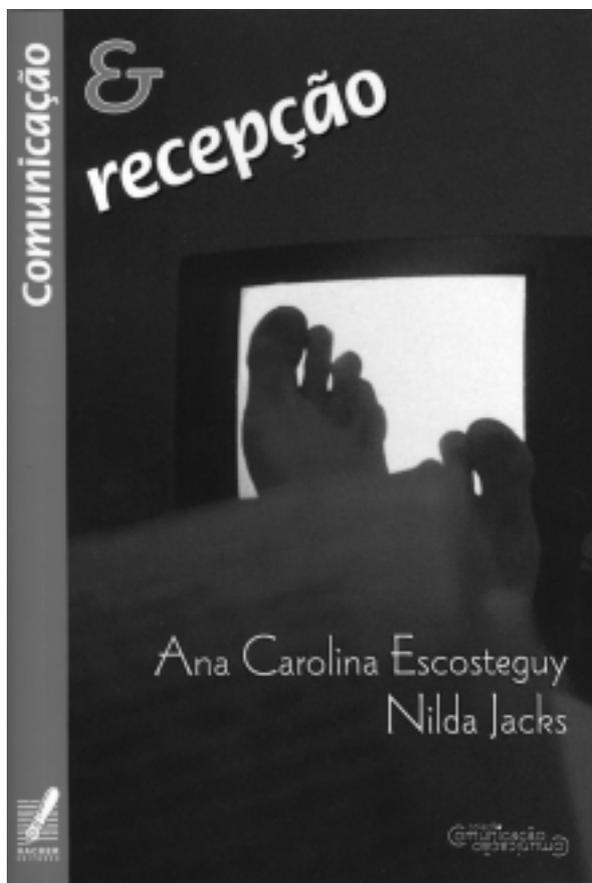


Comunicação & Recepção



“COMUNICAÇÃO & RECEPÇÃO”, de Ana Carolina Escosteguy e Nilda Jacks, vem complementar, com um tema central para os estudos em Comunicação, a já conhecida coleção da Editora Hacker sobre a área. O título-tema, comunicação e recepção, refere uma das áreas de interesse mais estimulantes do campo de conhecimento, pois oferece o “outro ângulo”, no qual os processos comunicacionais são vistos pela perspectiva de seus usuários, mais que da produção. O livro oferece uma base inicial muito segura e direcionada para estudos de aprofundamento posteriores de seus leitores. Para quem já tenha percorrido os territórios complexos da Comunicação Social, fornece uma sistematização na qual podemos – como em um ponto nodal do caminho – vincular diferentes percursos em um mapa organizado.

Não cabe a uma resenha “resumir” idéias principais – como se tal sumário pudesse substituir a riqueza expressiva de um livro, ou “preparar” o leitor para sua leitura. Tal resenha seria dispensável – os leitores, em princípio, não precisam do preparo ou se preparam “ao vivo” na leitura dos livros por que se interessam. Melhor faríamos calando e simplesmente remetendo o leitor diretamente à obra, sem perda de tempo com prolegômenos.

Eu não teria, também, a pretensão de oferecer um julgamento “de especialista” – como quem, conhecendo a fundo o tema tratado, assumisse uma postura de indicar acertos ou equívocos. Não só porque não sou especialista nos estudos de recepção (embora interessado no tema), mas também porque tal trabalho de objeções e de bons usos é mais próprio das atividades de pesquisa – em que as obras são esquadrinhas pelo que oferecem e tensionadas pelos interesses e perspectivas concretas do pesquisador. Melhor aí do que, abstratamente, em reflexões de leitura.

Uma resenha pode ser, porém, uma

José Luiz Braga

Unisinos

interlocução deste leitor que escreve com os demais leitores – que tenham lido ou que lerão o livro em pauta. Um ângulo que sempre me interessa nas conversas sobre livros é observar o que estes fazem ao dizer o que dizem. Se você já leu “Comunicação e Recepção” ou, quando o leia, poderá co-tejar sua leitura com esta resenha, confirmando se encontra aí os pontos que assinalo – mas, também, certamente, descobrindo em sua leitura pessoal outros fazeres que o livro evidencie.

O objetivo principal do livro analisado é informar, de modo abrangente e organizado, sobre as teorias e as práticas de pesquisa que constituíram a fortuna que compõe o conhecimento atual sobre “recepção”. Isso poderia ser feito de diversos modos e o teor expresso poderia fazer diferentes coisas. Poderia, por exemplo, não ultrapassar o nível de uma síntese sistematizada das principais teorias enquanto corpo de conhecimento estabelecido. Ora, um dos fazeres que me chamaram a atenção foi justamente essa ultrapassagem. Mais que o conhecimento consolidado (que o livro efetivamente expressa), o texto está sempre perspectivado por uma preocupação metodológica que dirige o olhar do leitor para *os processos do conhecimento*. Isso dá um tom histórico ao livro, em que as questões sociais tratadas é que se evidenciam como estimuladoras da reflexão. As tradições internacionais (capítulo primeiro) aparecem assim como afluentes que vão se articulando na formação do acervo de conhecimentos hoje disponível.

Um segundo fazer do texto é a oferta de uma posição, segundo a qual as autoras entretêm a sua prática de pesquisa na área. Os estudos de recepção são propostos com um *ângulo de observação*, mais que uma parcela do território comunicacional. Essa postura é a assumida como a mais rica para apreender o campo geral da Comunicação – este não seria sub-dividido em sub-temas, mas sim observado “por inteiro” de diversos ângulos. As autoras adotam “as teorias sobre a recepção [...] como um lugar de

onde analisar o processo inteiro” (p. 17). Tal tomada de posição perpassa o texto e permite interlocuções produtivas, mesmo com quem vem de outros ângulos preferidos.

Um terceira ação do livro, bem mais delicada e desempenhada com acuidade, é a de evitar dois riscos opostos que assombram os estudos da Comunicação. Estes riscos correspondem ao reducionismo e à diluição. O reducionismo envolve pretender uma especialidade de estudo específico, à qual se reduziria todo o interesse pelo objeto – aspectos não expressamente trabalhados pela área seriam assumidos como irrelevantes. Inversamente, as autoras cuidam de inscrever os estudos de Recepção em âmbitos mais abrangentes – do conhecimento social, antropológico, literário.

O risco oposto se veria, assim, ampliado – o de diluição do objeto em conhecimentos humanos e sociais amplos que “dispensariam” um campo especial de estudos, como a Comunicação. Particularmente (e como às vezes se critica), a passagem dos “meios às mediações” levaria à possibilidade de esquecimento do objeto próprio (recepção de produtos culturais em sociedade mediatizada) em favor dos modos culturais segundo os quais se elaboram as interações – a Comunicação se diluiria na “Cultura”, vastíssimo campo supra-disciplinar. Mas justamente, as autoras não só alertam contra tal risco, como efetivamente cuidam, nas reflexões e na organização do texto, de evitá-lo.

Finalmente, e agora referindo a estrutura organizacional que molda o livro, é interessante ver como se correlacionam dois níveis do fazer – um mais expresso e claramente informado desde o índice, o outro, presente nos modos de enfocar os capítulos sucessivos.

Os três capítulos que compõem o núcleo da exposição adotam uma organização em seqüência geográfica de abrangência decrescente: as tradições internacionais – uma visão latino-americana – e a trajetória brasileira. Assim, cada capítulo de certo modo se inscreve como parte do anterior,

fazendo perceber que as percepções “universais” da teorização em nível internacional vão recebendo notações segundo as quais sua acolhida na América Latina e, depois, no Brasil, corresponde também a “leituras”, seleções e contribuições à teoria, marcadas pelas questões político-culturais próprias a estes âmbitos.

De um modo muito interessante, à organização geográfica decrescente, corresponde um tratamento em que, crescentemente, o texto aprofunda o foco em questões “de pesquisa”. Assim, no primeiro capítulo, oferece ângulos teóricos, referindo as principais questões abstratas que compõem (ou foram historicamente compondo) a área dos estudos da recepção. O segundo capítulo se volta para os âmbitos de realização e de revisão da teoria. O conhecimento se move para outros patamares, em vez de simplesmente ser complementado por outras informações – aparece um trabalho sobre a teoria e sobre as questões sociais que fazem ativar realizações reflexivas.

O terceiro capítulo concentra-se nas realizações da pesquisa – dando preferência, assim, ao momento mesmo do surgimento da teoria, da geração do conhecimento. O Brasil é trabalhado, portanto, no ângulo que interessa mais de perto aos leitores pesquisadores. Dentro do próprio capítulo 3, o texto se desenvolve através das perspectivas críticas sobre a pesquisa – que repercutem solicitações à teoria. As conclusões confirmam esse encaminhamento de enfoque crescente na produção do conhecimento ao apresentar um rápido estudo sobre as visões críticas a respeito do âmbito de estudos.

Dentro de meu critério crítico, de observar o que o texto faz com aquilo que diz, é muito positivo perceber que o livro ultrapassa as informações bem dosadas que oferece para, além disso, construir com elas um encaminhamento inteligente e bem direcionado da leitura •